

-capitalistas ainda majoritárias no país. A forma assumida pelo capital comercial no Rio de Janeiro, cidade em que a maioria do comércio estava nas mãos de portugueses, deu características de nacionalidade a um problema de ordem econômica: o capital, em seu conteúdo, era comercial; em sua forma, era português. Ainda aqui, os poucos intérpretes do processo tomaram a forma pelo conteúdo.

Luís Edmundo apresenta assim o quadro: “Aquele jornalismo desenvolto que, após o grito do Ipiranga, aqui floriu e prosperou, instrumento de luta e de brasilidade, ao qual se deve a verdadeira independência que o nosso povo, em 31, no Campo de Sant’Ana, pôde, afinal, gloriosamente proclamar; a imprensa que se cobriu de louros e que inscreveu na nossa história a página mais linda do sentimento nacional; o jornalismo de Gonçalves Ledo, dos irmãos Bonifácio e do grande Evaristo, com o rolar monótono dos tempos, aos poucos, lentamente, vem-se apagando, decompondo e aviltando, de forma tal que, na assomada do século em que vivemos, nada mais é do que um tráfico de espertos, onde os ideais que se defendem são, apenas, os de uma grei que calculadamente o açambarcou e que o dirige à revelia das aspirações e dos interesses do país. A grei, diga-se logo sem reboços, e a espanto, talvez, dos que desconhecem as tradições que nos vêm dos velhos tempos coloniais, é o honrado comércio desta praça (como ele habitualmente se proclama), comunidade poderosa, onde os filhos da terra surgem, apenas, em minoria lastimável, bando de negociantes iletrados, todos comendadores, semideuses na América e que acumulam à nobreza de todas essas distinções, postos de qualidade na Maçonaria e nas Ordens Terceiras. A maioria dos jornais, a bem dizer, é deles, os nababos da terra. Nos contratos para explorar os prelos da cidade, no entanto, nem sempre o nome de tais senhores aparece. O fato é que, diretamente ou indiretamente, todos lhes pertencem. São deles as oficinas de impressão e ainda os imóveis onde as mesmas se instalam e funcionam, as cartas de fiança ou outras garantias para instalação e funcionamento das empresas, deles o crédito para a compra da tinta e do papel, finalmente, deles o anúnciozinho, embora muito mal pago, porém, representando a vida e a prosperidade da gazeta. Os títulos de propriedade dessas empresas gráficas que surgem com firmas brasileiras, ou os lugares de direção atribuídos a patrícios nossos, nada valem. Bem pesquisado, bem esquadrinhado, no fundo do negócio está sempre, com o seu prédio, o seu material ou o seu anúncio, o inefável comendador, grau trinta e tantos da Maçonaria, irmão remido ou benfeitor da Ordem Terceira da Penitência, do Carmo ou de S. Francisco, um homenzinho de testa curta, as sobancelhas em caramanchão, os bigodes de volta, mostrando em pesos de ouro sobre a pança lauta, uma